

Algumas reflexões não académicas sobre o espirito na arte contemporânea

por Kurt Weinberg

I — Ponto de Vista

A arte resume e exprime o *essencial* de uma sociedade. Ora, toda a expressão é forma; e a forma contém em si as suas próprias leis, que se modificam tanto como a própria essência e as épocas das quais êle (essencial) reflecte a vida cultural.

Vida é desenvolvimento, e onde não há desenvolvimento não há vida. Matéria, espirito, alma, tudo se encontra em processo eterno de transformação. Na terra toda a vida é episódica e a soma dos episódios infinitamente variados forma a verdade: a eternidade do vital que se modula de realidade em realidade. Tão fortemente estas realidades sucessivas se contradizem, tanto o simples facto da sua existência passageira testemunha irrefutavelmente a verdade *existente* no seu fundo! A própria aparência, é já uma manifestação de vida e, portanto, verdadeira. Da riqueza ilimitada das metamorfoses da vida podemos aperceber apenas uma parte insignificante: precisamente o que dela penetra no nosso microcosmos da consciência e dos instintos humanos.

O estático figura como símbolo da morte, e a morte não ultrapassa o valor duma conclusão por analogia: Tudo o que dela sabemos — é precisamente que nada sabemos: Mas podemos tirar algumas conseqüências da física dos nossos dias que reduz o estático a uma simples hipótese. E não faz com isso mais do que afirmar o que nos diz a antiga lírica indiana, êsses cantos e glorificações da vida eterna e das suas inumeráveis transfigurações, o *Ramayanas* e o *Mahabaratás* que não terminam, permanecem fragmentários, abertos para êste infinito onde desembocam...

Fôram precisos mais de vinte séculos à nossa civilização cristã e analítica para alcançar a cultura asiática e para aprovar as teorias dos pitagóricos.

Chamo desenvolvimento humano à cadeia contínua dos altos e dos baixos nas sociedades, porque não posso conceber uma vida humana independente da sociedade.

Na cultura, os interesses desmaterializados duma comunidade atingem o seu cúmulo. Como

«A ÁGUA»

Desta magnífica revista que se publicou no Pôrto com colaboração dos nossos maiores valores intelectuais, vende um nosso amigo, por preço acessível, 121 números.

Dirijam-se os interessados por nosso intermédio a L. G. F.

a própria comunidade que a cria, ela é o produto de todos os elementos contraditórios, tanto dos positivos como dos negativos que elaboram a essência mental, o espirito duma época. E o espirito é a colisão dos opostos: o espirito é, no fundo, a contradição de onde resulta a arte.

A arte define o nível duma cultura. Assim o artista, individuo submetido ao tempo e ao espaço, não pode deixar de exprimir a beleza e as ansiedades da *sua* época. São sempre as preocupações contemporâneas as que se vêem na sua contemplação do mundo, no que êle respeita do passado, nos seus sonhos dum futuro. Em todo o acto de criação, a vontade do artista representa o menor papel: êle mesmo é a seqüência dum encontro de necessidades que o condicionam. Não é, enfim, mais que o *medium*, que a voz da história. E não pode escolher: labora sob o domínio das leis fisiológicas que o prendem ao seu tempo e obrigam a esta única sinceridade: a de se confessar o produto da sua época. E' assim que êle a documenta, que a testemunha.

Fácilmente se afastaria, como absurda, a insinuação de alguém que se admirasse de a idade do gótico não contar um único artista fogueiro como *Delacroix*. Não seria preciso todo êsse grande encadeamento de circunstâncias e de factos espirituais que vão de *Erasmus* de Rotterdam a *Hume* e *Kant* e *Rousseau*, a diminuição da importância que se atribuía ao elemento apolíneo nas artes, a emancipação da severa estética aristotélica antes que o homem-histórico *Delacroix* pudesse dar-se?

O artista não pode tomar um caminho que não lhe seja primeiramente indicado por uma ideologia qualquer ou cujas perspectivas não se abram pelas experiências de uma ou de várias gerações anteriores.

O acto criador divide-se em dois movimentos, dos quais o primeiro tem uma missão tão destrutiva, decompositora, analítica, como é preciso para preparar a nova construção. E em arte não há retrocessos, fugas ao presente; mesmo se recorre à vida espiritual duma época precedente, dela só tira o que é *vital*: Disso, o mais famoso exemplo é a Renascença, essa ressurreição da humanidade que não é mais do que uma restauração da Antigüidade: Aí está exactamente o que faz a sua grandeza...

Dêstes exemplos podíamos dar até fatigar. Limitamo-nos, contudo, a perguntar: Que seria da literatura alemã, que seria do teatro moderno, sem essa heresia audaciosa da «Dramaturgia Hamburguesa» e do «LaoKoon» de *Lessing*, sem o trabalho demolidor dum *Moses Mendelssohn*,